

## OS ESPAÇOS CULTURAIS E A MEMÓRIA NOS QUARTÉIS DO EXÉRCITO BRASILEIRO

ANGELITA FERRARI<sup>1</sup>  
MARCOS ANTONIO COSTA<sup>2</sup>

### RESUMO

O presente artigo tem como objetivo tratar da importância da preservação da memória a partir da criação de espaços culturais nos quartéis do Exército Brasileiro. O fato de promover a valorização e a consagração da memória nacional nesses espaços propõe conhecimento e promove a sensação de pertencimento às novas gerações, visto que, o mesmo passa a ter significações concretas da sua construção histórica.

**PalavrasChaves:** Exército Brasileiro. Patrimônio. Memória Nacional.

### ABSTRACT

This article aims to address the importance of memory preservation through the creation of cultural spaces in the barracks of the Brazilian Army. The fact of promoting the valorization and consecration of the national memory in these spaces proposes knowledge and promotes the sense of belonging to the new generations, since it has concrete meanings of its historical construction.

**Keywords:** Brazilian Army. Patrimony. National Memory.

1. Doutoranda em Antropologia pela Universidade Federal de Pernambuco (UFPE). E-mail: angelita.ferrari@ymail.com  
2. Doutorando em Ciência Política pela Universidade Federal de Pernambuco (UFPE).

## INTRODUÇÃO

Ao longo do ano de 2015 e 2016 coordenamos<sup>3</sup> uma equipe que trabalhou para a reestruturação do Espaço Cultural do Regimento Sampaio, situado no interior do 1º Batalhão de Infantaria Mecanizado (Escola) - Regimento Sampaio, no Rio de Janeiro.

Essa ação teve como objetivo principal retomar as atividades do Espaço Cultural que, apesar de fisicamente estar presente, não estava cumprindo a sua finalidade. Procuramos resgatar um espaço que trouxesse para os integrantes daquela Unidade, o sentimento de pertencimento àquele local, como também, a divulgação da memória daquele Batalhão histórico.

Em relação a essa premissa, entendemos que o museu e a memória são indissociáveis, e a preservação da memória de instituições como os quartéis, tem se mostrado cada vez mais importante para valorizar a sua história, os seus heróis e os seus exemplos, como também, dar voz aos anônimos e fortalecer o espírito de corpo da organização. É por meio de um espaço museal que os seus integrantes podem se identificar como parte daquele contexto e entender quais foram os processos históricos da formação de seu grupo. É nesse local que o indivíduo terá mais uma oportunidade de conhecer o passado, se identificar com o presente e refletir sobre o futuro.

Consideramos o conceito de museu, o que dita o Conselho Internacional de Museus (ICOM):

*[...] instituição permanente, sem fins lucrativos, a serviço da sociedade e de seu desenvolvimento, aberta ao público, que adquire, conserva, estuda, expõe e transmite o patrimônio material e imaterial da Humanidade e de seu meio, com fins de estudo, educação e deleite. (DESVALLÉS; MAIRESSE, 2013).*

Em relação à memória, trabalharemos com os fenômenos e processos do passado que envolvem os acontecimentos, as sociedades, as culturas e seus legados, ao ser humano e seu grupo e a civilização.

No meio civil, a legislação brasileira que regulamenta a criação desses espaços, foi criada em 14 de janeiro de 2009 pela Lei nº 11.904 que instituiu o Estatuto de Museus. E em 11 de outubro de 2013 por meio da Portaria 1.030 foram regulados os critérios para a criação dos Espaços Culturais pelo Exército Brasileiro.

---

3. Os autores desse artigo foram os coordenadores desse espaço.

Diversas Unidades militares possuem Espaços Culturais sob sua responsabilidade, inclusive no interior de suas instalações. É importante dizer que não é o simples fato de abrir um equipamento desse tipo dentro dos quartéis e expor objetos ou documentos, que irá trazer essa reflexão e o envolvimento dos integrantes com a sua Unidade. É preciso haver uma sistematização dessa exposição, contar a história da instituição dando relevância a fatos importantes de forma didática, recolher informações em arquivos, estudar cada objeto, antes de pensar na exposição.

Existem vários Espaços no Brasil que buscam, dentro de suas possibilidades, a preservação do legado histórico, o desenvolvimento do espírito de corpo da Unidade e a divulgação da Instituição. Locais muito bem elaborados, como, por exemplo, o Espaço Cultural Marechal Guilherme Xavier de Sousa, no 10º Batalhão de Infantaria Leve, em Juiz de Fora-MG; o Parque Histórico Nacional dos Guararapes, de Jaboatão dos Guararapes-PE; e o Monumento Nacional dos Mortos na Segunda Guerra Mundial, no Rio de Janeiro-RJ.

Nesse artigo, apresentaremos o projeto de reestruturação do Espaço Cultural do Regimento Sampaio, concebido e desenvolvido durante os anos de 2015 e 2016, destacando a importância desse equipamento de cultura para os integrantes daquela Organização e para o Exército Brasileiro.

## 1. UMA UNIDADE QUE RESPIRA A HISTÓRIA DO PAÍS

O atual 1º Batalhão de Infantaria Mecanizado, o Regimento Sampaio, sediado na Vila Militar, no Rio de Janeiro, possui uma extensa história de lutas e participações em acontecimentos históricos que o caracterizam como uma das mais tradicionais e importantes Unidades do Exército Brasileiro.

Criado oficialmente em 1841, com a denominação de 1º Batalhão de Infantaria, o Regimento Sampaio<sup>4</sup> tem seus antecedentes históricos ainda mais distantes, já que 1793 foi criado o 1º Regimento de Infantaria do Rio de Janeiro, organização vinda após a fusão do Regimento Bragança, que chegara em 1767, com outras unidades daquela região. Com o encerramento das atividades do 1º Regimento, em 1824, essa ligação histórica com a atual Organização Militar do Rio de Janeiro se perdeu, determinando, portanto, a sua data de criação em 11 de junho de 1841.

---

4. Todas as informações desse capítulo foram retiradas do chamado "Livro Histórico do Regimento Sampaio". Esse livro se destina à descrição manual dos fatos mais relevantes do ano decorrido, e não é publicado.

Alguns anos depois, o 1º Batalhão de Infantaria atuou na Campanha da Guerra da Tríplice Aliança, de 1865 a 1870, o mais violento dos conflitos já ocorridos na América do Sul. A Unidade esteve na Divisão Encouraçada sob o comando do Brigadeiro Antônio de Sampaio, que mais tarde seria escolhido o Patrono da Infantaria Brasileira, e daí vêm a sua denominação histórica de Regimento Sampaio, outorgada pelo então Presidente Getúlio Vargas, em 1940.

Na Campanha em terras paraguaias, o 1º Batalhão de Infantaria participou da célebre Batalha do Tuiuti, a maior contenda campal já ocorrida nesse subcontinente, bem como esteve em Ita-Ibaté, Pekisiri, Itororó, Peribebuy e Campo Grande. Uma de suas mais notáveis participações é a mais sui generis, pois esteve com a Marinha Brasileira embarcada no Vapor Jequitinhonha, na grandiosa Batalha Naval do Riachuelo, e é hoje a única Unidade do Exército, ainda existente, a estar presente nesse momento, tendo inclusive, perdido 11 de seus integrantes, que hoje são lembrados em uma placa de bronze doada pela Marinha e afixada no saguão principal do Regimento Sampaio.

Essa Campanha consolidou a imagem de Unidade aguerrida e combatente do 1º Batalhão de Infantaria, tornando-a uma referência na Corte do Rio de Janeiro. Em 1889, essa Organização estava presente nas ações que garantiram a estabilidade do País, quando da deposição da família real e instauração da República.

Com tamanha movimentação política da Capital Federal nos primeiros anos do novo Regime, o 1º Batalhão atuou na contenção da Revolta da Armada (1891-1894) e na Revolta da Vacina (1904), em ambos em proveito da paz para a população.

Com a reformulação do Exército Brasileiro, foi reorganizado em 1908 com a fusão do próprio 1º Batalhão de Infantaria, que ocupava o velho casarão conhecido como Quartel do Campo, no centro do Rio de Janeiro; o 7º Batalhão de Infantaria, também instalado na Capital Federal; e 20º Batalhão de Infantaria, de Goiás, e recebeu a denominação de 1º Regimento de Infantaria, uma organização maior em efetivo e capacidade operacional. Também como parte dessa reformulação, a Unidade foi transferida para a Vila Militar, onde hoje está o bairro de Deodoro sendo a primeira a ocupar as instalações recém-construídas, em 1913. No íterim dessa ocupação, participou da contenção da Revolta da Chibata, em 1910, ocorrida no Rio de Janeiro com os marinheiros liderados por Antônio Cândido, e também esteve, nesse mesmo ano, na contenção da Revolta do Batalhão Naval, evento ocorrido ainda como consequência da Revolta da Chibata.

Já instalado no grandioso aquartelamento da Vila Militar, o 1º Regimento de Infantaria continuou a ser uma Unidade militar de pronta-resposta para atuar em prol da estabilidade e na defesa do País. Com isso, nomes de destaque comandaram a Organização nesse período, como o então Coronel Napoleão Felipe Achê, de novembro de 1911 a maio de 1914, militar que chefiou, já como General, uma missão de intercâmbio de oficiais brasileiros que atuaram na Primeira Guerra Mundial junto ao Exército Francês, para conhecerem as novas técnicas de combate. Achê também foi um dos responsáveis pelos entendimentos com o governo francês que possibilitou a contratação da Missão Militar daquele país para modernizar o Exército Brasileiro, a partir de 1919.

Na missão de intercâmbio da Primeira Guerra Mundial, estava também o então Tenente-Coronel Tertuliano Potiguara, que comandou o 1º Regimento de Infantaria em agosto de 1922 a janeiro de 1923, e que como General esteve à frente da 1ª Brigada Estratégica, do Rio de Janeiro, na Revolução Paulista de 1924, conflito urbano de alta intensidade do qual o 1º Regimento participou e perdeu 29 de seus integrantes, mortos em combate, nas ruas da capital paulista.

A Revolução Paulista foi uma consequência da Revolução Tenentista de 1922, iniciada pelos cadetes da Escola Militar do Realengo com o ataque de canhões ao 1º Regimento de Infantaria e pela insurreição de um pelotão de fuzileiros que tentou tomar a Unidade. Nessa ação de 1922, foi morto pelos insurretos, o Capitão José Barbosa Monteiro. O então comandante do Regimento, o Coronel Nestor Sezefredo Passos tomou as rédeas da situação e sufocou o movimento no quartel, inclusive ordenou prisão a um jovem tenente que se recusou a cumprir a ordem de resistir ao avanço da Escola Militar que estava sob domínio dos cadetes rebelados (DORIA, 2016). Esse tenente era Arthur Costa e Silva, que mais de 40 anos depois seria um dos presidentes do Brasil durante o regime militar.

A Revolta não teve sucesso na Vila Militar, mas se tornou célebre ao sustentar a tomada do Forte de Copacabana, que resultou na morte de oito dos 18 revoltosos em uma batalha na Avenida Atlântica, incluindo o civil Octávio Corrêa. Esse acontecimento passou para história como a Revolta dos 18 do Forte.

Em 1930, na Revolução que depôs o então Presidente Washington Luís e promoveu a ascensão ao poder de Getúlio Vargas, o 1º Regimento de Infantaria esteve nas ações que asseguraram a transição política do País, e foi deslocado para a cidade de Juiz de Fora, em Minas Gerais, para atuar contra as Unidades que não se conformaram com a deposição do Presidente.

Dois anos depois, em São Paulo, teve início a violenta Revolução Constitucionalista, que promoveu o conflito armado entre paulistas e demais Estados do Brasil. O 1º Regimento de Infantaria atuou em pesados combates e teve 20 de seus integrantes mortos em ação, mas retornou vitorioso e com o sentimento de dever cumprido.

Após uma limitada participação na Intentona Comunista de 1935, o 1º Regimento de Infantaria, mercê de tantos serviços prestados ao Exército e ao País, recebeu do próprio Presidente da República, Getúlio Vargas, por meio do Decreto-lei 1973, de 19 de janeiro de 1940, a denominação histórica de Regimento Sampaio, uma grande honra, pois o nome do maior infante brasileiro estava ligado para sempre a essa Unidade.

Nessa época já se desenvolvia a Segunda Guerra Mundial na Europa, o maior conflito já visto pela Humanidade. Com a entrada do Brasil na Guerra, em 1942, e a formação da Força Expedicionária Brasileira (FEB), em 1943, o 1º Regimento de Infantaria - Regimento Sampaio fora uma das unidades-base escolhidas para recrutar, treinar e combater contra um inimigo experiente e poderoso: o Exército Alemão.

Entre setembro de 1944 até o fim da Guerra, em 08 de maio de 1945, o Regimento Sampaio, enquadrado na FEB, participou de diversos combates nos campos italianos como La Serra e Collecchio, mas teve atuação primordial na Tomada de Monte Castello, em 21 de fevereiro de 1945. Essa Batalha é tão importante para a História do Exército que possui uma data no calendário para comemoração. Na Itália, o Regimento Sampaio perdeu 154 de seus integrantes, alguns bravos reconhecidos pela História, como o jovem Aspirante Mega; e outros que retornaram para seguir uma carreira brilhante no Brasil, como o Comandante do 1º Regimento de Infantaria, Coronel Aginaldo Caiado de Castro, que mais tarde se tornou Marechal e Senador da República; e o Tenente Apollo Resk, o militar mais condecorado da FEB em combate. Mas a grande maioria, mesmo reconhecidos pela Nação como heróis de guerra, permaneceu anônima, apesar de oferecerem a vida para garantir a paz e a democracia no Mundo.

No pós-guerra, o Regimento Sampaio permaneceu sendo empregado em diversas missões reais, fossem as missões de paz sob a égide da ONU (Organização das Nações Unidas), oportunidade em que enviou efetivos para Suez, em 1956, para Angola, em 1996, e em três oportunidades para o Haiti, em 2003, 2010 e 2015. As incontáveis Operações de Garantia da Lei e da Ordem (GLO), como nas Pacificações do Morro do Cruzeiro e do Complexo do Alemão, de 2011; e no Complexo da Maré, em 2014. Na segurança dos Grandes Eventos, como os Jogos Mundiais Militares, em 2011; a Copa das Confederações,

em 2013; Copa do Mundo da FIFA, em 2014; e nas Olimpíada e Paralimpíada de Verão RIO 2016. E por fim, apenas para falar dos acontecimentos mais recentes, a Operação Furacão, no contexto da Intervenção Federal na Segurança Pública do Estado do Rio de Janeiro, em 2018.

Além disso, é uma Unidade que formou milhares de jovens, ao longo de mais de um século, para serem soldados e cidadãos. Manteve-se como um bastião das tradições da Arma de Infantaria e de sua própria história, mesmo com as naturais transformações do Exército e da Sociedade, e vem constantemente se renovando, sem deixar de ser uma Organização operacional e pioneira, prova disso é ter sido uma das escolhidas para receber os primeiros blindados Guarani, em 2015, e se tornado a primeira unidade de infantaria mecanizada, em 2019, no Comando Militar do Leste.

Heróis, tradição, histórias de lutas e valentias, pioneirismo, mística. Palavras que podem ser referidas ao Regimento Sampaio, ou simplesmente “O Sampaio”, o “Leão de Guerra”, vocativo materializado pelas estátuas que guardam a entrada de seu imponente quartel. É esse prédio, que agrega gerações, pessoas de diferentes regiões, condições sócio-econômicas, credos, raízes, que se torna o símbolo de toda uma extensa rede de memórias de tantos e tantos indivíduos.

## 2. O ESPAÇO CULTURAL: O PATRIMÔNIO DE “PEDRA E CAL” E O INTANGÍVEL

O historiador Le Goff (2008, p. 41) já nos alertava sobre a importância dos processos de guarda da memória a partir da divulgação de elementos simbólicos que unem os grupos sociais:

A memória coletiva faz parte das grandes questões das sociedades desenvolvidas e das sociedades em vias de desenvolvimento, das classes dominantes e das classes dominadas, lutando todas pelo poder ou pela vida, pela sobrevivência e pela promoção.

A questão da memória coletiva é gerada pela memória de indivíduos, por acontecimentos e pelas experiências vividas e compartilhadas por eles em um mesmo contexto social. E, mesmo que muitas dessas pessoas não as tenham vivido, elas se identificam com essas memórias, pois estavam inseridas em um mesmo contexto histórico e dentro de um determinado grupo (HALBWASCH, 2002). É relevante dizer que se não há identificação pelo grupo com o ambiente, não há a sensação de pertencimento.

Acerca desse assunto, Nora (1993, p. 13) nos esclarece sobre a importância de enaltecer a preservação da memória, dos lugares de preservação e da exposição da memória dos grupos:

Os lugares de memória nascem e vivem do sentimento que não há memória espontânea, que é preciso criar arquivos, que é preciso manter aniversários, organizar celebrações, pronunciar elogios fúnebres, notariar atas, porque essas operações não são naturais.

Os lugares de memória ditos por Pierre Nora são criados pelos indivíduos a partir de suas lembranças e do contínuo trabalho de preservação, que podem se perpetuar pela força de seu significado e por sua permanência como memória coletiva. Continuar a crer em suas memórias mais significativas nos tornam mais vivos e conscientes de nossa importância no Mundo.

O quartel do Regimento Sampaio guarda uma aura de imponência e de superioridade diante do tempo e dos homens. Homens mortais, mas que deixam como legado suas contribuições para a História. O quartel, feito de cimento e areia, também não é eterno, mas sua história, sim! Pois são eternas as memórias guardadas em seus corredores e paredes centenárias. Cada novo integrante que adentra em seu pátio, para viver sua vida de soldado, é engolido por essa mística de fazer e ser parte desse grupo, de se envolver e sentir a responsabilidade em continuar uma narrativa de desafios e lutas que nunca cessarão.

Além do quartel em si, outros símbolos fazem parte desse lugar de memória. A denominação histórica de Regimento Sampaio é um deles, o seu estandarte é outro. Naquele mesmo ano de 1941, em que foi concedida a denominação histórica, foi criado, também, o Estandarte de Guerra da Unidade, cuja concepção heráldica foi idealizada pelo Sr. Luis Gomes Loureiro, então Diretor Foto-Cartográfico do Exército e desenhista.

O motivo central do Estandarte de Guerra do Regimento Sampaio é um Leão simbolizando a bravura do Brigadeiro Sampaio na Batalha de Tuiuti, as três estrelas de sangue representam os três ferimentos mortais que ceifaram sua vida naquela batalha e abaixo e nas extremidades da elipse que envolve o Leão aparecem os numerais: 1 que representa o 1º Batalhão de Infantaria; 7 que simboliza o 7º Batalhão de Infantaria e 20 que indica o 20º Batalhão de Infantaria, todos eles formadores do 1º RI, em 1908.

Logo acima do número 1, aparecem as datas: de nascimento 24 de maio de 1810 e de falecimento 24 de maio de 1866, do Brigadeiro Sampaio. Nas extremidades do Estandarte,



estão as principais batalhas da Campanha da Tríplice Aliança e da Campanha da Itália, que o Regimento Sampaio, sob a designação de suas organizações militares formadoras, tomou parte: Tuiuti e Itororó; Monte Castelo e La Serra; Pekisiry e Itá-Ivaté; Peribebugui e Campo Grande.

O Leão, figura que não existe em nossa fauna, está presente em várias culturas, tanto ocidentais quanto orientais, tanto antigas, quanto modernas, por vezes representando a bravura como o do Estandarte de Guerra do Regimento Sampaio, outras vezes o pai protetor, a realeza, o chefe. O Leão está na entrada do quartel do 1º Batalhão, está nas gravuras de suas paredes, nas músicas idealizadas durante a Segunda Guerra Mundial compostas pelos pracinhas, nos uniformes mais antigos e atuais, enfim, é mais um símbolo que se faz presente no lugar de memória do Regimento Sampaio e que é sempre lembrado todos os dias nas solenidades.



**Figura 1 - Estandarte do Regimento Sampaio.**  
"Essa foto mostra o mais antigo Estandarte do Regimento Sampaio. Já muito desgastado, está emoldurado e exposto no Gabinete do Comandante do Batalhão."  
Fonte: Arquivo pessoal

O nome lendário do Patrono está presente até na saudação diária dos integrantes da Unidade. É comum ouvi-los saudando-se não com um simples bom dia, mas sim com o brado: Sampaio! Brado que é evocado nas formaturas matinais, nas palavras de despedidas de quem parte da Unidade, nas missões reais, nos adestramentos. Brado que ecoou na Itália e no Haiti, no complexo do Alemão e na Maré. É devido ao brado que todos voltam os olhares ao perceber que a Unidade está presente e que ali há a responsabilidade de um

legado de honra e de coragem, virtudes que a cada cumprimento de missão são cada vez mais renovadas, avançando no tempo e criando novas memórias.

Santos (2003, p. 115) destacou a importância das narrativas históricas, que são contadas a partir da exposição dos objetos nos museus:

Os museus caracterizam-se por coletar objetos que não pertencem mais à compreensão cotidiana da vida, estranhos ao tempo e à história que os envolve. No entanto, essas instituições, além de contar a história do passado por meio de seus fragmentos, são essencialmente história. [...] é preciso considerar que os artefatos são testemunhos do passado e, como tal, são portadores de uma história que antecede aqueles que o resgatam do contínuo da história.

Um Espaço Cultural tem muita importância em organizações como o Regimento Sampaio, pois busca, entre outras coisas: refletir; lembrar; consolidar a memória; não esquecer; despertar o pertencimento. Locais como esses são “espaços de relação” (SCHEINER, 2015) de acordo com a visão de diferentes grupos.

A criação, denominação, organização, funcionamento, preservação e extinção de um Espaço Cultural, segundo os critérios atuais adotados pelo Exército Brasileiro, são reguladas por meio da Portaria 1.030, de 11 de outubro de 2013. Esse documento define um Espaço Cultural em seu artigo 4º:

Art. 4º Os espaços culturais são locais ou áreas destinadas à preservação ou conservação de acervos, bens e/ou patrimônios de cunho histórico ou cultural, que exaltam as tradições, os valores da Força e a história militar; possuem uma grande função educativa e são extraordinários instrumentos de divulgação da história e dos valores do Exército.

Segundo a portaria, podem ser considerados Espaços Culturais: Casa Histórica; Monumento; Memorial; Museu Militar; Parque Histórico; Sala de Exposição; Sala de Troféus; e Sítio Histórico.

O Espaço Cultural do Regimento Sampaio, à luz da Portaria 1.030, pode ser definido como uma Sala de Exposição, pois:

[...] é um local onde estão expostos objetos de interesse da cultura militar, com a finalidade de preservar a história de uma OM ou do EB relacionada com a História do Brasil, objetivando a preservação e a divulgação dos valores, das crenças e das tradições militares.

Rico em memórias e tradições, presentes no prédio, nas ações e na sua mística, o Regimento Sampaio é um exemplo que a preservação do patrimônio deve estar presente na mentalidade de todos os que convivem em seu espaço e vivem em sua rotina.

### 3. A RECONSTRUÇÃO DO ESPAÇO CULTURAL DO REGIMENTO SAMPAIO

Nos primeiros meses de 2015 percebemos<sup>5</sup> que alguns dos integrantes do Batalhão sabiam que existia “um museu”<sup>6</sup>, no entanto, não se identificavam com o que esse espaço representava, outros não sabiam da sua existência ou não davam importância, pois o dia a dia de grande trabalho não possibilitava margem para outros assuntos.

Naquele momento, era um local onde se misturavam o que restava da antiga Seção de Comunicação Social e sala de visitas, com os objetos históricos. Havia, também, uma pequena biblioteca desorganizada<sup>7</sup>, antigos troféus de futebol sem importância e até objetos particulares abandonados por ex-integrantes. O que existia era semelhante a um depósito.

Então, dar a devida importância para a reestruturação desse Espaço, na intenção de que esses integrantes antigos ou novos se reconhecessem como parte de uma Unidade histórica, foi inserida como parte do Plano de Gestão e dos objetivos e ações daquele Comando.

Após inserido no Plano de Gestão, a reestruturação do Espaço Cultural foi objeto de um projeto para valorizar as tradições militares, de acordo com o preconizado pelo comando do Exército. Mas antes, todo um processo de planejamento teria que ser realizado.

Primeiro foi feita a Diretriz de Iniciação, de acordo com as Normas para Elaboração, Gerenciamento e Acompanhamento de Projetos do Exército Brasileiro - 2007, que indicou, entre outras informações, os objetivos do estudo de viabilidade para prosseguir o projeto, os seus componentes, o cronograma e as responsabilidades de cada um nesse estudo.

Após isso, foi feito o estudo de viabilidade, que se preocupou em reunir elementos da própria Unidade, com experiência nas áreas afetas ao projeto, para detalharem o estudo técnico e econômico, a fim de definir e auxiliar o Comandante na decisão se era viável esse empreendimento, da maneira que era estava sendo idealizado, em um prazo de 15 meses

- 
5. O comandante e a historiadora Angelita Ferrari que trabalhou, voluntariamente, para que a reestruturação desse Espaço fosse possível.
  6. Os integrantes do batalhão assimilaram a palavra museu como parte do vocabulário.
  7. Os livros foram realocados para uma sala, onde funcionava o Gabinete Odontológico e estava em desuso, foram feitas prateleiras com madeira de reciclagem, usamos ainda, mesas que já estavam prontas para serem inutilizadas. Após a organização e catalogação de todos os livros que estavam junto aos objetos do Espaço Cultural, por volta de 200 exemplares, enviamos solicitações de doações para a Biblioteca Nacional, Biblioteca do Estado do Rio de Janeiro e, a partir daí, os próprios integrantes, começaram a doar livros para a Biblioteca do Regimento Sampaio, somando um total de mais de 2000 livros, na finalização contamos com a colaboração da Tenente Ana Carolina, do Centro de Estudos do Pessoal, órgão do Exército sediado no Rio de Janeiro, que nos deu as orientações profissionais tanto na biblioteca quanto no arquivo do Batalhão. A Biblioteca do Regimento Sampaio foi inaugurada em abril de 2016.

custos reduzidos, mas com a qualidade de um Espaço Cultural a altura da memória daquela Unidade. E a decisão foi de iniciar o projeto.

Após a decisão, foi elaborada a Diretriz de Implantação e o próprio Plano de Gerenciamento do Projeto, onde foram descritos o seu escopo; o cronograma; o plano de gerenciamento de custos e orçamento, que estimou em R\$ 40.000,00 o custo total do projeto, considerando a mão de obra toda da Unidade; o plano de gerenciamento de recursos humanos, muito importante para verificar dentro da Organização quem poderia contribuir para o projeto; e o plano de gerenciamento de riscos, que apontou a possibilidade de não liberação da verba necessária para a conclusão do projeto como um dos principais óbices. Artigos com valores mais elevados, como ar-condicionado e equipamentos de multimídia foram retirados do plano, a fim de torná-lo mais factível.

Concomitantemente a isso, começamos os trabalhos em relação ao acervo, primeiro retirando tudo que não faria parte de um espaço cultural, inclusive muito lixo depositado em velhos arquivos. O que sobrou era material musealizado, boa parte estava identificada de forma errada, inclusive sendo confundidos com materiais que nunca existiram na cultura militar. Por exemplo, havia um artefato exposto e identificado como “lança”, mas, após a pesquisa, descobrimos que era uma ferramenta denominada Cant Hook, modelo alemão, que era utilizado para levantar e rolar troncos de madeira. Outra peça identificada erroneamente que nos chamou a atenção foi um pequeno aparelho que estava identificado como “esterilizador de gaze” que, na verdade, era um aparelho portátil para transfusão sanguínea, criado em 1934 pelo médico militar francês Pierre Jouvet, muito utilizado nos campos de batalha da Segunda Guerra Mundial.

Os objetos são elos essenciais entre o espectador e a sua identificação com o Espaço, então, não é possível perpetuar erros e desconsiderar a investigação. Por isso, optamos em elaborar o Espaço como um museu tradicional, em que o objeto é o centro da narrativa. A comunicação seria feita por temas na ordem cronológica, pois possibilita a uma melhor identificação do público em relação à história da Unidade com o contexto no qual estava inserido.

O objeto em si, culturalmente, está presente na sociedade como um forte elemento que liga o indivíduo à história e às memórias de todo um contexto histórico vivido por um grupo, comunidade ou mesmo nação. O que um museu quer narrar a um determinado grupo nem sempre poderá ser compreendido por outras comunidades (GONÇALVES, 2007). Em outras palavras, um mesmo objeto pode ter diferentes significados dependendo do grupo social que

o reconhece. Essa nossa relação com os objetos nos fazem verdadeiramente humanos, seja quando fascínio é por armas antigas, seja por máscaras religiosas de tribos antigas.

Então, por isso optamos em trabalhar com o museu tradicional para contar a história do Regimento Sampaio. No entanto, havia, ainda, outro problema para resolver, pois não havia nenhum tipo de organização sistematizada do Espaço e nem mesmo uma narrativa histórica da Unidade que fosse possível ser empregada na comunicação museal. A narrativa anterior era uma miscelânea de objetos misturados entre si, pois havia material da Segunda Guerra Mundial junto com outros mais atuais, ou artigos pessoais doados sem importância para aquele Espaço.

A questão do controle do acervo também foi outro problema encontrado. Quando houve o início da catalogação do material, que por sinal constava de uma pequena relação de material carga desatualizado, verificou-se que o acervo era muito reduzido para contar uma história tão rica. Alguns integrantes que serviam há mais de 20 anos na Unidade disseram-nos que o acervo era muito maior, no entanto, muitos objetos sumiram, foram doados ou emprestados sem retorno e também, sem nenhum tipo de controle nos empréstimos. Para resolver isso, coletamos materiais dentro da própria Organização e de outros quartéis, e de doadores civis e militares.

Havia também, materiais com importância histórica espalhados pela Unidade, muitos deles, nos depósitos das companhias de fuzileiros e até nas reservas de armamentos, como foi o caso, de um formidável acervo bélico que há oito anos estava guardado por motivo de segurança, impossibilitando que, mesmo os oficiais do Batalhão não tivessem conhecimento da existência deles.

Após a limpeza inicial, começamos uma avaliação do estado de todos os objetos com algum valor histórico, a conferência das identificações ou mesmo identificação de objetos desconhecidos. Foi feita a limpeza e restauro naqueles que estavam avariados.

Tínhamos a consciência de, como nos diz Bottallo (1995), para que a exposição museológica possa ser concretizada é preciso o apoio de diversos profissionais de áreas distintas, seja na pesquisa, na documentação, no restauro e posteriormente, na ação educativa, e que é esse conjunto de ações profissionais que dará evidência ao pensamento científico.

Devemos ressaltar que nós não tínhamos tempo e nem recursos disponíveis para todo esse conhecimento profissional, cada qual em sua área, como nos fala a autora. Então, como

historiadores e já tendo feito parte da equipe de montagem do acervo do Espaço Cultural Guilherme Xavier de Souza<sup>8</sup>, decidimos centralizar todos esses papéis ou o Espaço Cultural do Regimento Sampaio não sairia do campo das ideias.

É importante ressaltar que esse Espaço Cultural já existia desde a década de 1970, sempre mudando de local e de dimensões, até que foi instalado em uma sala no pavilhão principal da Unidade. Em 2011, o Espaço foi cadastrado na Diretoria do Patrimônio Histórico e Cultural do Exército (DPHCEX) como Espaço Cultural Aspirante Mega, referência à um dos grandes heróis da Segunda Guerra Mundial e que foi integrante do Regimento Sampaio. Mas, depois, decidimos, ouvindo outros integrantes do Batalhão, que o personagem principal daquela narrativa proposta não poderia ser apenas uma pessoa, pois aquela história percorria mais de 170 anos de vida da Unidade. Então, concluímos que o personagem principal era, na verdade, o próprio Regimento Sampaio, e a ele o Espaço Cultural deveria se referir.

Depois de todo o espaço limpo e o estudo de como poderíamos montar a exposição, dividimos nossas funções: a parte que competia ao estudo da história da Unidade e o resgate do que era essencial para traçar uma narrativa para a montagem da expografia, como também, a condução dos processos administrativos que possibilitassem a aquisição de materiais e a confecção de itens essenciais ao Espaço, ficou com o próprio Comandante da Unidade, que também é historiador. A parte que competia às pesquisas e conferência dos objetos, separação do que pertencia à história daquela Unidade, restauro de peças danificadas pelo tempo ou por descaso<sup>9</sup>, organização de instalações<sup>10</sup> a partir da exposição definida, ficou sob responsabilidade da historiadora Angelita Ferrari.

A sala disponível era estimada em um pouco mais de 200m<sup>2</sup>, no formato de um retângulo irregular. Não chegava a ser um espaço de grandes proporções, então, na própria montagem da exposição, foi decidido que o local seria dividido por meio de temáticas, murais e expositores.

Esse local possuía, ainda, dois banheiros e uma pequena sala que foi visualizada para ser uma reserva técnica e administrativa do Espaço. Havia dez janelas, quatro de madeira

- 
8. Inaugurado em 2011 e aberto ao público, esse espaço fica situado no 10º Batalhão de Infantaria Leve na cidade de Juiz de Fora/MG, Unidade histórica que completou 100 anos em 2019.
  9. Como um raro exemplar da obra *Napoléon*, de Philippe-Paul, o Conde de Segur (1780-1873) general francês e historiador do império napoleônico. Foi doado ao Regimento Sampaio pelo Marechal Aginaldo Caiado de Castro em 1949, conforme dedicatória na primeira página. Essa obra possuía reproduções de obras de arte e encontramos, em sua maioria, com as páginas que tinham as reproduções coloridas, arrancadas. E por ser um livro de grande porte, era utilizado para peso de porta no local.
  10. Instalações são representações no espaço de exposição. Nesse caso, foram reproduções de situações específicas de acordo com a temática de cada ambiente dentro do espaço museológico.

antiga e seis de latão dentro do perímetro do espaço, com poucos recursos de segurança, pois não havia grades, portas de ferro, câmeras, alarmes e extintores. Inclusive, antes, quando o visitante à Unidade pedia para ir ao banheiro, ele era direcionado para esse ambiente, sem nenhuma preocupação com os objetos do acervo que poderiam ser subtraídos nesses momentos.

Os recursos para colocar em prática o projeto, foram possíveis por meio de patrocínio do Fundo Habitacional do Exército/Associação de Poupança e Empréstimo (FHE/POUPEX), que entendeu a importância dessa reestruturação para a história do Batalhão e da DPHCEX que, primeiro, visitou a Unidade com a equipe composta por uma museóloga, uma arquiteta e um historiador para orientar e dar o seu aval para que o projeto pudesse receber os recursos solicitados, isso ainda na fase do estudo de viabilidade. Esse projeto foi apresentado de forma escrita e visual, destacando a história da Unidade, o estudo de viabilidade e o legado para a cultura do Exército. O fato do Espaço já ser cadastrado facilitou a aprovação e descentralização do recurso.

Esses recursos da DPHCEX não vieram de imediato e nem no valor pretendido, o que fez com que a reestruturação ficasse suspensa, no primeiro semestre de 2016. O complemento das necessidades foi possível com a doação de material inservível, como por exemplo, os dos suportes dos painéis que foram feitos a partir de vidros temperados, descartados por uma empresa de telefonia. Esses suportes, inicialmente, seriam de madeira, no entanto, com a doação dos painéis de vidro, houve a redução de parte dos custos. A doação veio por intermédio do chefe do pelotão de obras, o então sargento Marcelo, um dos integrantes do Batalhão que se envolveu e se comprometeu, particularmente, com a proposta da criação do Espaço. Foram utilizadas também, sobras de materiais como ferro, areia e cimento, que, mesmo em menor quantidade, também possibilitaram o bom uso do recurso.

O engajamento de diversos integrantes da Unidade em fazer viável o projeto foi cada vez maior à medida que o Espaço tomava forma. Não era apenas o desejo do comandante, expresso em seu plano de gestão, nem tampouco uma ordem, mas sim um comprometimento voluntário e pessoal de boa parte do Batalhão, que procurou cada um à sua maneira trabalhar ou ajudar da melhor forma possível.

Ainda em relação ao engajamento, e a certeza de que o Espaço iria apresentar e representar a história da Unidade houve o caso de um integrante do rancho Sargento Dutra, que nos trouxe uma lamparina que pertenceu ao seu tio-avô para compor a instalação da casamata.

Também precisamos ressaltar a participação ativa e constante de duas pessoas que foram essenciais tanto para a pesquisa, quanto para a doação de objetos, o Tenente R2 Marco Nadai, antigo integrante do Batalhão na década de 1970, que ia voluntariamente todas as terças-feiras para a Unidade ajudar nas pesquisas do acervo e o civil Alexandre Gil de Souza, colecionador de peças da Segunda Guerra, e que nos trouxe objetos importantes que ainda não faziam parte de nosso acervo, como também, nos ajudava na identificação das peças. Foi importante, também, o trabalho voluntário do Sargento Eira, ex-integrante da Unidade e artista plástico, na produção de murais sobre a história do Regimento Sampaio, que foram instalados no saguão principal.

Outro acontecimento interessante foi que a partir do momento em que começou haver a organização sistematizada e o Espaço começou a tomar forma, os integrantes do Batalhão, sejam eles mais antigos como também os mais novos, passaram a ir todos os dias para olhar como estava o processo das pesquisas e da montagem do acervo. Isso foi tão significativo, que, quando foi se aproximando a data da inauguração, tivemos que deixar a porta fechada para que não perdêssemos o elemento surpresa.

A área de exposição foi dividida por temáticas a partir de uma narrativa cronológica, comum nos museus tradicionais, onde foram ressaltados os feitos de maior expressividade do Regimento Sampaio durante os seus mais de 170 anos de atuação. Mas procurou-se, também, trazer o indivíduo que hoje faz parte da Unidade, que mantém um legado formidável e constrói uma nova etapa da história.

Então, na entrada do Espaço Cultural, o visitante é apresentado ao Brigadeiro Antônio de Sampaio, por meio de um grande painel, como também, observa uma composição visual que trata de diferentes momentos da história da Unidade, de nossa diversidade étnica e da mulher no Exército Brasileiro. A composição possui um militar branco com o uniforme da época imperial, um mulato com o uniforme da Força Expedicionária Brasileira (FEB) e uma mulher com o tradicional camuflado da Força Terrestre. A mensagem nos diz muito: é um local que todos têm sua importância, homens ou mulheres, independente da cor, do credo, da origem. Desde tempos passados a luta é o que os une, e assim será para sempre.

Caminhando e já entrando no Espaço, a primeira temática é o Brasil Império, e as ações do antigo 1º Batalhão de Infantaria na Guerra do Paraguai e na Proclamação da República, sempre contadas por meio das gravuras dos painéis, objetos, uniformes e os armamentos relacionados com o período, estratégia de comunicação que funciona em todas as temáticas.



A segunda temática é a República Velha. Nesse período temos as Revoltas da Vacina e da Chibata, a Revolução de 1922, de 1924, de 1930 e de 1932 e a Intentona Comunista de 1935. Agora é o 1º Regimento de Infantaria, sucessor do 1º Batalhão de Infantaria em 1909 e instalado na Vila Militar em 1913, que figura como protagonista.

A terceira temática é a mais rica em objetos e imagens e também a mais significativa para o Batalhão, pois trata da participação vitoriosa da Unidade na Segunda Guerra Mundial. Nesse nicho há uma forte referência ao Comandante do Regimento no conflito, o Marechal Aguinaldo Ribeiro Caiado de Castro, um cenário de uma casamata ocupada por um pracinha, armamentos diversos, imagens, sons, e objetos do dia a dia dos heróis da FEB.

Ainda dentro dessa temática, tínhamos uma caixa grande de madeira onde havia vários objetos religiosos e uma Bíblia com o nome do Capelão João Filson Soren.

A quarta temática é o soldado brasileiro que atuou nas missões de paz. Homens que estiveram em Suez na década de 1950 e 1960, em Angola na década de 1990 e no Haiti, quando o Batalhão se fez representar em três oportunidades: 2008, 2010 e 2015.

A quinta temática é o combatente atual, com seus equipamentos mais modernos e novos desafios para vencer, mas sempre com os mesmos valores que fizeram consolidar a sua mística.

A sexta e última temática trata sobre os indivíduos que movimentam a Unidade, desde o mais simples soldado ao seu comandante. Desde as cozinhas, passando pela administração até as companhias operacionais. Todos são importantes e todos fazem parte da História do Regimento Sampaio.

A ideia era de que os visitantes fossem inseridos na narrativa apresentada, a partir dos painéis, das vitrines com os objetos, dos armamentos expostos e das instalações, onde procuramos, além de envolver o visitante com o visual, aguçar outros sentidos, como na casamata em que colocamos gelo seco no bule de café para atrair a visão com a fumaça,

Na parede em que se encontram expostos os materiais de saúde, próximo da caixa odontológica alemã, colocamos Eugenol, que é um líquido usado para curativo dentário, para atrair o olfato com esse odor peculiar. A ação foi sugerida pela Tenente Monique, dentista do Batalhão, o que, mais uma vez, confirma a participação voluntária dos integrantes no desenvolvimento do projeto. Além disso, essa oficial ajudou a identificar os aparelhos odontológicos existentes nessa caixa, objetos que não são mais utilizados, pois se tornaram obsoletos, o que exigiu uma pesquisa sobre o assunto.

As paredes com a temática da Segunda Guerra foram quebradas para dar um efeito visual que revivesse a história da guerra, atrás de um dos painéis foi colocado um aparelho de som com sons de tiros de metralhadora, granadas, gritos do calor das batalhas, aviões e discursos acalorados do então presidente do Brasil Getúlio Vargas, do ditador Adolf Hitler e do primeiro-ministro do Reino Unido durante a Segunda Guerra Mundial, Winston Churchill.

Ao mesmo tempo em que fazíamos o trabalho de estruturação do Espaço, pensávamos em como seria importante enaltecer àqueles que geralmente fazem o trabalho árduo, mas que ao final, muitas vezes, não são reconhecidos. Decidimos que alguns personagens representados em alguns painéis seriam os próprios integrantes do Batalhão, inclusive cabos e soldados. Então convidamos os militares do pelotão de obras, das cozinhas, da administração, entre outros.

Não esquecemos as mulheres militares que foram representadas pela Tenente Fabiana, logo na entrada do Espaço, bem como as sargentos enfermeiras na condução de suas atividades. Outras funções existentes na Unidade foram lembradas em um painel que continha uma composição de suas atividades, na qual havia músicos da banda militar, soldados trabalhando nas obras, na manutenção, no serviço de saúde, nas cozinhas, nas atividades operacionais como o emprego do armamento e do blindado Guarani e em eventos de conagração com as famílias dos componentes da Unidade.

E ao final, o visitante se depara com uma enorme parede formada por um mosaico de imagens dos integrantes do Batalhão, ex-combatentes da Segunda Guerra Mundial, militares da reserva e civis que acreditaram e fizeram parte dessa empreitada. Esse grande mosaico de fotografias forma a imagem de um Blindado Guarani com o primeiro tiro noturno.

Enfim, essas informações representam o museu em movimento, pois não havia apenas uma narrativa histórica, como se somente o passado fosse importante, mas também o agora, o que estava sendo vivido naquele momento, por pessoas que faziam parte daquela realidade e continuavam a construir um legado para outras gerações, como seus antecessores o fizeram. O resultado dessa linguagem da exposição era um perceptível envolvimento de muitos dos integrantes no que estava sendo realizado. O Espaço Cultural se tornava parte da Unidade e não uma instalação estranha aos seus militares, que cada vez mais se reconheciam naquele local.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Após a inauguração do Espaço Cultural do Regimento Sampaio e a finalização do projeto, as gestões posteriores mantiveram os objetivos propostos de manter o local, um ponto de referência para consolidar um sentimento de pertencimento àquela Unidade. Desde os recrutas recém chegados, os familiares dos atuais integrantes e até os antigos militares que um dia serviram na Organização.

Por fim, passados três anos de sua inauguração, temos a certeza de que locais como esse podem contribuir para a preservação da memória e são essenciais para o patrimônio como um todo, a fim de não serem relegados aos depósitos e lixeiras, mas sim, integrados ao conjunto de acervos que contam a história de toda a sociedade e que possam ser observados, admirados ou mesmo criticados por todas as pessoas, de forma livre, democrática e humana.

---

**Como citar este artigo:** FERRARI, Angelita; COSTA, Marcos Antonio. Os espaços culturais e a memória nos quartéis do Exército Brasileiro. **Rev. Silva**, Rio de Janeiro, v. 3, n. 2, p. 72-93, jan.-jun. 2019.

## REFERÊNCIAS

BOTTALLO, M. Os museus tradicionais na sociedade contemporânea: uma revisão. **Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia**, São Paulo, v.5, p. 283-287.1995.

BRASIL. Presidência da República. **Decreto-Lei 1973, de 19 de Janeiro de 1940**. Dá denominação de "Regimento Sampaio", ao atual 1º Regimento de Infantaria. 19 de março de 1940. Disponível em: <https://www.lexml.gov.br/urn/urn:lex:br:federal:decreto.lei:1940-01-19;1973>. Acesso em: 22 nov.2019.

BRASIL. **Lei 11.904, de 14 de janeiro de 2009**. Institui o Estatuto de Museus e dá outras providências. Brasília: Presidência da República, [2009]. Disponível em [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_Ato2007-2010/2009/Lei/L11904.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2007-2010/2009/Lei/L11904.htm). Acesso em: 22 nov. 2019.

BRASIL. Ministério da Defesa. Exército Brasileiro. Gabinete do Comandante do Exército. Portaria 1.030, de 11 de outubro de 2013. Aprova as Instruções Gerais para a Criação, Denominação, Organização, Funcionamento, Preservação e Extinção de Espaços Culturais no âmbito do Exército Brasileiro (EB10-IG-01.009) e dá outras providências. **Boletim do Exército, Brasília**, DF, 25 out. 2013. Disponível em <http://www.dphcex.eb.mil.br/images/Secoes/SPPC/EspacosCulturais/Legislacao/Aprova-as-instrucoes-Gerais-EG-10-IG-01-009.pdf>. Acesso em 22 nov. 2019.

DESVALLÉS, André; MAIRISSE, François. **Conceitos-chave de museologia**. São Paulo: Armando Colin: 2013.

DORIA, Pedro. **Tenentes: a guerra civil brasileira**. São Paulo: Record, 2016.

GONÇALVES, José Reginaldo. Teorias antropológicas e objetos materiais. In: GONÇALVES, José Reginaldo. **Antropologia dos objetos: coleções, museus e patrimônio**. Rio de Janeiro: IPHAN, 2007.

HALBWASCH, Maurice. **A memória coletiva**. Tradução: Laurent Schaffter. São Paulo: Centauro, 2006.

LE GOFF, Jacques. **História e memória**. Tradução: Bernardo Leitão et al. 2008. Disponível em: <http://ftp.editora.ufrn.br/bitstream/123456789/863/1/MEM%C3%93RIA.%20Hist%C3%B3ria%20e%20mem%C3%B3ria.%20LE%20GOFF%2C%20Jacques.%202008.pdf>. Acesso em: 03 nov. 2019.

NORA, Pierre. **Entre memória e História: a problemática dos lugares**. Tradução: Lara Aun Khoury. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/revph/article/view/12101>. Acesso em: 04 nov. 2019.

SANT'ANNA, Marcia. A face imaterial do patrimônio cultural: os novos instrumentos de reconhecimento e valorização. In: CHAGAS, Mario; ABREU, Regina (Orgs.). **Memória e patrimônio**: ensaios contemporâneos. 2003. Disponível em: [http://www.lamparina.com.br/autor\\_detalle.asp?idautor=Marcia%20Sant%27anna](http://www.lamparina.com.br/autor_detalle.asp?idautor=Marcia%20Sant%27anna). Acesso em: 04 nov. 2019.

SANTOS, Myrian S. dos. Museu Imperial: a construção do Império pela República. In: CHAGAS, Mario; ABREU, Regina (Orgs.). **Memória e patrimônio**: ensaios contemporâneos. 2003. Disponível em: [https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/4508388/mod\\_resource/content/1/SANTOS%2C%20Myriam.pdf](https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/4508388/mod_resource/content/1/SANTOS%2C%20Myriam.pdf). Acesso em: 03 nov. 2019.

SCHEINER, Tereza. **Museu, Museologia e a "relação específica"**: considerações sobre os fundamentos teóricos do campo museal. Disponível em: <http://revista.ibict.br/ciinf/article/view/1368>. Acesso em: 15 nov. 2019.

VIEIRA, Guilherme Lopes. **O museu como lugar de memória**: o conceito em uma perspectiva histórica. Disponível em: <http://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/mosaico/article/view/65900>. Acesso em: 03. nov. 2019.

## APÊNDICES



Figura 2 - Entrada principal do Regimento Sampaio  
Fonte: Arquivo pessoal.



Figura 3 -  
Entrada do Espaço Cultural do Regimento Sampaio  
Imagem: Arquivo pessoal.



Figura 4 - Imagem representando o passado e o presente do Regimento Sampaio  
Fonte: Arquivo pessoal.



Figura 5 - Exposição com parte dos armamentos.  
Fonte: Arquivo pessoal.

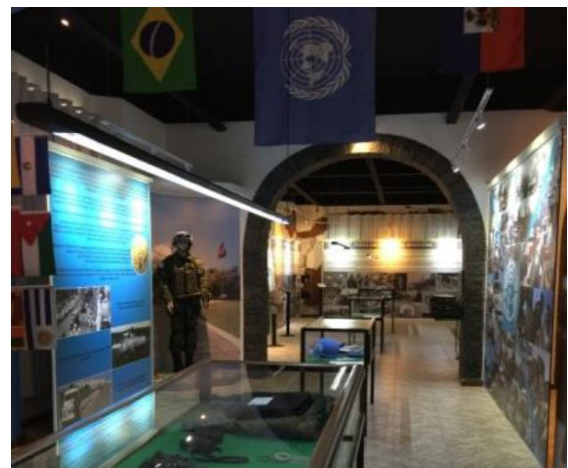


Figura 6 - Visão geral de um corredor do Espaço  
Fonte: Arquivo Pessoal.



Figura 5 - Exposição com parte dos armamentos.  
Fonte: Arquivo pessoal.